

## Os sombrios poderes do supereu

Alberto Murta, Polyana Schimith e Sávio  
Silveira de Queiroz

A partir da leitura minuciosa dos textos freudianos, Jacques Lacan prioriza a versão do supereu<sup>1</sup> que não se encontra desenvolvida somente de acordo com a dialética edipiana. Indica-nos a importante função do pai primevo, inerente à horda primitiva. Para tanto, ele isola a relação do gozo com essa face do supereu que se apresenta como sem palavras ou mesmo fora do alcance do sentido.

O desenvolvimento desse artigo visa investigar tanto a face do supereu como herdeiro do complexo de Édipo, quanto a face do supereu que porta resíduos de gozo. Sendo assim, há aqui em jogo um novo encaminhamento a ser realizado, e indagado, que abrange o campo da moralidade.

### O supereu como instância psíquica

Freud, na "Conferência XXXI: Dissecação da Personalidade Psíquica", afirma que "o superego, o ego, e o id - estes são, pois, os três reinos, regiões provinciais em que dividimos o aparelho mental de um indivíduo"<sup>2</sup>.

O *id* se configura como "a parte mais obscura, a parte mais inacessível de nossa personalidade"<sup>3</sup>. Ele é um reservatório de energia, e tem como principal objetivo descarregá-la; e está na origem das duas outras instâncias (*ego* e *supereu*). O *ego*, por sua vez, "é aquela parte do *id* que se modificou pela proximidade e influência do mundo externo, que está adaptada para a recepção de estímulos, e adaptada como escudo protetor contra estímulos"<sup>4</sup>.

Portanto, o *id* não tem relação direta com o meio externo, essa função é exercida pelo *ego* como mediador. Nas palavras de Freud: "Para adotar um modo popular de falar,

poderíamos dizer que o ego significa razão e bom senso, ao passo que o *id* significa as paixões indomadas”<sup>5</sup>.

Ao desenvolver a sua segunda tópica, a partir do texto “O ego e o *id*”, Freud se dedica a descrever o desenvolvimento do supereu que se passa na infância. De maneira geral, a nova tópica isola a constituição do supereu a partir de dois momentos: a identificação primária objetal e a resolução do complexo de Édipo.

O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do *id*; ele também representa uma formação reativa contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: ‘*Você deveria ser assim (como seu pai)*’. Ela também compreende a proibição: ‘*Você não pode ser assim (como seu pai)*’, isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz<sup>6</sup>.

Para Freud, o ego é, em grande parte, formado por identificações que se apoderaram de investimentos do *id*. A primeira dessas identificações, no entanto, mantém-se à parte, dando origem ao supereu. Nesse momento, o imperativo que domina a vida psíquica do sujeito é a seguinte: “*você deveria ser assim (como seu pai)*”<sup>7</sup>.

Dessa maneira, no primeiro momento da constituição do supereu encontra-se a identificação ao pai. Essa operação ocorreu quando o “ego ainda era fraco”<sup>8</sup>. Isso quer dizer que o supereu se origina ainda numa ocasião em que “toda libido está acumulada no *id*”<sup>9</sup>. A força que o supereu exerce sobre o ego vem do fato de ele se originar dessa primeira identificação. Notamos aí que o ponto de vista econômico sobressai-se em detrimento do ponto de vista conflitual ou do dinâmico.

No segundo momento, encontramos outro fator que contribui para essa força: o supereu “é o herdeiro do complexo de Édipo”<sup>10</sup>. Ao fim do complexo de Édipo, o ego se submete ao imperativo do supereu de maneira similar à criança que obedece aos pais. Há uma reação contra as

escolhas objetais do próprio *id*, e o preceito que o rege é "você não pode ser assim (como seu pai)"<sup>11</sup>.

Ainda no trecho acima, é curioso notar que Freud diz o seguinte: "O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do *id*"<sup>12</sup>. É possível ler, então, desde Freud, que o superego é, também, um resíduo. Dito de outro modo, o superego pode ser lido como um resto. Parece-nos que essa é uma leitura realizada por Lacan, ao relatar o fragmento de um caso clínico. Acompanhemos parcialmente o desenvolvimento do caso.

Durante a infância do paciente, ele tinha ouvido dizer "que seu pai era um ladrão e que devia então ter a mão cortada"<sup>13</sup>. Nesse contexto do ensino do Lacan, a ordem simbólica funda as relações enunciadas pela lei. Na leitura realizada por ele, seu paciente isola o resto dessa "lei de maneira privilegiada"<sup>14</sup> e foi isso que "passou aos seus sintomas"<sup>15</sup>. Em seus termos:

O resto das referências simbólicas do meu paciente, desses arcanos primitivos em torno dos quais se organizam para tal sujeito suas relações mais fundamentais ao universo do símbolo, foi afetado de decadência em razão da prevalência particular que tomou para ele essa prescrição. Ela está, nele, no centro de toda uma série de expressões inconscientes sintomáticas, inadmissíveis, conflituais, ligadas a essa experiência fundamental da sua infância<sup>16</sup>.

Na direção do tratamento, Lacan cria as condições para ler esse fora da lei/fora da história, que se encontrava presente, como injunção do superego. É aqui, nesse contexto, que ele reenvia a incidência superegoica ao acontecimento traumático. Em suas palavras:

Um enunciado discordante, ignorado na lei, um enunciado promovido ao primeiro plano por um evento traumático, que reduz a lei a uma ponta cujo caráter é inadmissível, inintegrável - eis o que é essa instância cega, repetitiva, que definimos habitualmente pelo termo superego<sup>17</sup>.

É curioso observar que Lacan, no mesmo seminário, serve-se do termo *resto* das referências simbólicas do seu paciente, para também articulá-lo com o supereu. Chama nossa atenção que desde esse momento de seu ensino, ele alude aos *restos* como localizadores da insensatez, do fora sentido do supereu. No fundo, o supereu é um *resto* que testemunha uma emergência dissonante do real.

Retomando a segunda tópica, vimos que instância superegoica surge da internalização da lei paterna, operacionalizada por uma identificação. Constatamos também que, nesse processo identificatório, emerge o sentimento inconsciente de culpa. Lembremo-nos de que esse sentimento de culpa também foi descrito na cena do assassinato do pai primevo. Nos termos freudianos:

No curso do desenvolvimento posterior, professores e autoridades continuam o papel do pai; suas ordens e suas interdições permanecem poderosas no ideal do eu e, sob a forma de *consciência moral*, exercem doravante a censura moral. A tensão entre as exigências da consciência moral e as realizações do eu é experimentada como sentimento de culpabilidade<sup>18</sup>.

Constatamos que o termo *consciência moral* não está presente na versão brasileira da obra de Freud. Apropriamo-nos desse termo a partir da versão francesa. Essa passagem torna ainda mais evidente que o supereu, então apresentado como *ideal do ego*, é a instância psíquica responsável pela consciência moral. Portanto, Freud estabelece que o supereu, sob a forma de *consciência moral*, reivindica que o ego trabalhe sempre de acordo com a moral. Assim, da tensão entre o ego e as exigências do supereu, surge o sentimento de culpa.

Essa relação entre o supereu e a culpabilidade será retomada por Freud no texto "O mal-estar na civilização". Como vemos a seguir:

Toda renúncia à pulsão torna-se agora uma fonte dinâmica de 'consciência moral', e cada nova renúncia aumenta a severidade e a intolerância desta última. Se pudéssemos colocar isso mais em harmonia com o que já sabemos sobre a história da origem da consciência, ficaríamos tentados a avançar esse paradoxo: a consciência moral é consequência da renúncia pulsional; ou bem: a renúncia pulsional (imposta do exterior) cria a consciência moral, a qual, então, exige um acréscimo da renúncia pulsional<sup>19</sup>.

Em outros termos, a posição do ser humano, diante da renúncia de suas pulsões, nutre nele uma força sem limites infiltrada de mais uma renúncia pulsional. Encontra-se também amalgamado, no exercício dessa renúncia, o comando do superego que o próprio Freud o nomeia como "severidade da consciência moral"<sup>20</sup>. Essa novidade freudiana permite Lacan denotar o superego como o guloso, na medida em que ele, com sua "gulodice"<sup>21</sup>, proporciona sem cessar a renúncia à satisfação.

Freud se surpreende ao perceber que não importa qual neurose esconde uma dose de sentimento inconsciente de culpabilidade. Esse sentimento consolida os sintomas pelo fato de que eles são utilizados como punição. Logo, qual é a fonte dessa punição?

Na afirmação freudiana sobre a formação do sintoma, há uma tendência pulsional submetida ao recalque que, portanto, pode ser decifrada. E há também outra tendência em que o sentimento de culpabilidade é agenciado pelos componentes agressivos. Esse último ponto faz correspondência com o superego, na medida em que ele instaura exigências severas como ideal e que jamais podem ser satisfeitas. Delineia-se assim uma aproximação dos conceitos de superego e pulsão de morte.

Ao realizar uma leitura da terceira seção do texto "O ego e o id", Jacques-Alain Miller<sup>22</sup> presentifica um paradoxo. Ele considera que o superego, ao mesmo tempo em

que é o responsável pelas mais elevadas formações (a consciência crítica e a consciência moral), é inconsciente e tem suas raízes no *id*, cuja função é de reservatório da libido e o lugar da pulsão de morte.

Esse paradoxo isolado por Miller já havia sido apontado por Freud ainda em 1923, quando afirma que supereu tem suas origens no *id*:

O ideal do ego, portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do *id*<sup>23</sup>.

Cabe sublinhar que, no texto "O ego e o *id*", os termos *ideal de ego* e *superego* são usados por Freud como sinônimos. Dito isso, na citação acima se torna claro que o supereu, ao mesmo tempo em que é o herdeiro do complexo de Édipo, tem suas raízes no *id*.

Já em 1930, na sua investigação sobre a moral civilizada, Freud desvela que um dos destinos da pulsão de morte é o superego. Ele, o superego, passa a ser um destino civilizado. Dessa maneira, ele se encontra imiscuído num movimento paradoxal que encarna a pulsão de morte. Parece-nos que Miller, na interpretação do texto "O mal-estar na civilização", extrai a lógica paradoxal da pulsão de morte quando afirma que ela mesma "é a pulsão do superego"<sup>24</sup>. Acrescentamos que um dos princípios que rege o avanço freudiano no campo da ética se inscreve a partir do conceito da pulsão e, especificamente, da renúncia pulsional.

Especificamente no que diz respeito à moralidade, Freud<sup>25</sup> caracteriza as três instâncias psíquicas da seguinte forma: o *id* é considerado como totalmente amoral; o ego se esforça para ser moral; e o supereu é supermoral, chegando a ser cruel - como no caso da melancolia. Podemos observar, portanto, a incidência do supereu, mediante o sentimento de culpa, sobre as questões morais.

## **"Totem e Tabu" - os primórdios do superego**

Freud<sup>26</sup>, no texto "Totem e Tabu", por meio da cena do assassinato do pai primevo, remonta a constituição da civilização e o estabelecimento na sociedade do sentimento de culpa e das leis morais.

De acordo com esse mito estabelecido por Freud, a civilização era constituída por famílias que se agregavam em pequenas hordas, nas quais havia um pai que podia gozar livremente, inclusive de todas as mulheres. Aos filhos, cabia o papel de se submeter às leis e interdições estabelecidas por ele. Nesse contexto, surge nos filhos o desejo de tomar posse do lugar do pai e, assim, assumir a posição de gozo livre. Esse desejo acaba levando os filhos a assassinar o pai. Porém, após esse ato, surge neles um profundo sentimento de culpa.

Os filhos se dão conta de que a morte do pai não seria suficiente para satisfazer o desejo de gozar livremente, pois entraram em disputa para que apenas um deles ocupasse o lugar que outrora foi do pai. Logo perceberam que essa disputa poderia levá-los à própria destruição. Esse fato, unido à culpa pelo assassinato do pai, leva-os à renúncia daquilo que os havia impelido a tal ato.

A relação do pai com os filhos, tal como descrita por Freud, baseava-se na ambivalência dos afetos: o amor e o ódio. No primeiro momento, o ódio imperou, levando os filhos a cometerem o assassinato do pai. Uma vez que esse afeto já havia sido satisfeito, o amor passou a preponderar. Junto com este, os filhos se depararam também com um profundo arrependimento por terem cometido tal ato. Os filhos passaram, então, a sentir cada vez mais saudade do pai. E, por conseguinte, instala-se neles um profundo sentimento de culpa. Assim, a partir do amor pelo pai e da

culpa pelo seu assassinato, os filhos instituíram as leis que proíbem o parricídio e o incesto.

Lacan<sup>27</sup>, ao comentar esse mito, afirma o seguinte: "O que "Totem e Tabu" nos ensina é que o pai proíbe o desejo com eficácia porque está morto". A partir desse comentário, observamos que há aí uma contradição: o pai morto fortalece as leis. Ou seja: as leis - que antes eram instituídas e mantidas pelo pai - tornaram-se mais fortes depois de seu assassinato, quando surge a culpa. Portanto, para Freud, nesse momento de seu ensino, as leis morais eram baseadas em dois pilares: a culpa e a renúncia.

Em outro comentário sobre o mito, Lacan mostra que Freud já lançava ali as bases da instância que, posteriormente, será a grande inovação de sua segunda tópica: o supereu.

[...] o que Freud liga a seu segundo mito, o de Totem e Tabu, isto é, nem mais nem menos do que a sua segunda tópica. É isso que poderemos desenvolver posteriormente. Com efeito, observem, a grande inovação da segunda tópica é o supereu<sup>28</sup>.

Portanto, assim como Freud, Lacan dá indícios da relação entre o supereu e o pai primevo.

### **As duas faces do supereu**

A relação entre o mito do Édipo e a constituição do supereu é lida por Lacan da seguinte forma:

O mito do Édipo faz espalhafato porque, supostamente, instaura a primazia do pai, que seria uma espécie de reflexo patriarcal. Eu gostaria de fazê-los perceber por que, pelo menos para mim, ele de modo algum parece ser um reflexo patriarcal, longe disso<sup>29</sup>.

A diferença reside no fato de que o pai do complexo de Édipo é castrado, enquanto o pai descrito em "Totem e Tabu" é aquele que não estava sob a castração, que podia

gozar livremente. Lacan desvela a relação entre o pai primevo e o supereu nos seguintes termos:

Qual é a essência do supereu? [...] Qual é a precisão do supereu? Ele se origina precisamente nesse Pai original mais do que místico, nesse apelo como tal ao gozo puro, isto é, à não castração. Com efeito, que diz esse pai no declínio do Édipo? Ele diz o que o supereu diz. [...] O que o supereu diz é: *Goza!*<sup>30</sup>.

Freud, em "O ego e o id", apresenta o supereu como instância psíquica responsável pela moralidade no sujeito. Porém, mesmo nesse momento, ele anunciava que a origem do supereu está nas mesmas experiências que levaram ao totemismo: "O superego, segundo a nossa hipótese, originou-se, em realidade, das experiências que levaram ao totemismo"<sup>31</sup>.

Nesse sentido, o supereu se origina do pai primevo, que pode ser lido como cruel e que goza livremente de todas as mulheres. Há também nele uma convocação ao gozo puro, à não castração. Nessa versão do supereu, emerge uma marca do pai primevo, cujo imperativo é: goza!

O imperativo de gozo - estabelecido como supereu - está na ordem do que é impossível de satisfazer. É exatamente aí, nessa impossibilidade de satisfação, "que se elabora o termo *consciência moral*"<sup>32</sup>.

Nessa nova versão do supereu, há ainda algo a ser considerado: ele perde a potência de velar o gozo. A relação do olhar e do supereu era apontada por Freud ainda em 1923: "[o ego] é observado a cada passo pelo superego severo"<sup>33</sup>. Porém, para ele, a vigilância do supereu tinha função de velar o gozo.

Lacan anuncia outra relação. Acompanhando uma passagem do Seminário *O avesso da psicanálise*, podemos isolar um momento em que ele presentifica algo do eclipse do olhar do Outro. É a passagem em que ele se endereça aos estudantes de Vincennes dizendo: vocês "[...] desempenham a

função de hilotas desse regime. Vocês também não sabem o que isso quer dizer? Ele diz - *Vejam como gozam*"<sup>34</sup>.

No trecho acima, ele anuncia que o olhar, que antes velava o gozo, está perdendo essa função. Assim, o olhar do Outro, castrado de sua potência de produzir vergonha, demonstra a outra face do supereu. Essa outra face se encontra presente na nossa atualidade e se traduz pelo seguinte imperativo do gozo: "olhem eles gozarem e gozem também"<sup>35</sup>.

O supereu propaga a sua marca na contemporaneidade acentuando o declínio do Ideal do eu. Logo, "o mal-estar (sintoma) na civilização"<sup>36</sup> é regido por uma ascensão galopante do imperativo superegoico. A orientação tanto clínica como política proposta por Jacques-Alain Miller elucida os mecanismos em jogo dessa era superegoica. Quais são as consequências sintomáticas dessa reconfiguração supergoica no que se convencionou chamar, em algumas escolas psicológicas, a moralidade?

Diante da ordem do impossível, não há nenhum modo de prever quais serão os efeitos sobre o sujeito. Isso quer dizer que a decisão consciente de agir moralmente não implica que assim o sujeito vá agir, pois sempre há algo que escapa.

### **Considerações finais**

Baseado nos estudos freudianos, acreditávamos que o supereu era uma estrutura psíquica responsável pela moralidade. Porém, aprendemos que a origem da consciência moral encontra-se na face do supereu que impele ao gozo. Essa descoberta indica o quanto é difícil qualquer tentativa de dar garantias quanto ao que torna uma pessoa moral ou imoral. Ecoamos o adágio freudiano: educar é impossível.

---

<sup>1</sup> Atualmente, os tradutores da obra de Jacques Lacan têm optado pela palavra *supereu* em detrimento de *superego*. Assim, o termo *superego* aparecerá apenas quando estivermos citando a obra de Freud na literalidade.

<sup>2</sup> FREUD, S. (1975/1933). "Conferência XXXI: Dissecação da Personalidade Psíquica". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 92.

<sup>3</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 94.

<sup>4</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 96.

<sup>5</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 98.

<sup>6</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 49.

<sup>7</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 49.

<sup>8</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 64.

<sup>9</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 62.

<sup>10</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 51.

<sup>11</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 49.

<sup>12</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 49.

<sup>13</sup> LACAN, J. (2009/1953-1954). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 259.

<sup>14</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 258.

<sup>15</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 258.

<sup>16</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 258.

<sup>17</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 260.

<sup>18</sup> IDEM. (1993/1923). "Le moi et le Ça". In: *Essais de psychanalyse*. Sant-Amond-Montrond: Éditions Payot, p. 249-250.

<sup>19</sup> FREUD, S. (1930/2010). *Malaise dans la civilisation*. Paris: Seuil, p. 147.

<sup>20</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 159.

<sup>21</sup> LACAN, J. (1993/1974). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 52.

<sup>22</sup> MILLER, J.-A. (1999). *O real do tratamento analítico*. Seminário Inédito, aula 8.

<sup>23</sup> FREUD, S. (1975/1933). "Conferência XXXI: Dissecação da Personalidade Psíquica". Op. cit., p. 51.

<sup>24</sup> MILLER, J.-A. (2004). "Biologia lacaniana e acontecimentos de corpo". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 41. São Paulo: Edições Eólia, p. 22.

<sup>25</sup> FREUD, S. (1975/1923). "O Ego e o id". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Op. cit., p. 70-71.

<sup>26</sup> IDEM. (1975/1913). "Totem e Tabu". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Op. cit., p. 13-193.

<sup>27</sup> LACAN, J. (2005/1960). *O triunfo de religião, precedido de, Discurso aos católicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 31.

<sup>28</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 166.

<sup>29</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 162.

<sup>30</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 166.

<sup>31</sup> FREUD, S. (1975/1923). "O Ego e o id". Op. cit., p. 53.

<sup>32</sup> LACAN, J. (2005/1960). *O triunfo de religião, precedido de, Discurso aos católicos*. Op. cit., p. 166.

<sup>33</sup> FREUD, S. (1975/1923). "O Ego e o id". Op. cit., p. 99.

<sup>34</sup> LACAN, J. (1992/1969-1970). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 218.

- 
- <sup>35</sup> MILLER, J.-A. (2003). "Nota sobre a honra e a vergonha". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 38. São Paulo: Edições Eólia, p. 12.
- <sup>36</sup> LACAN, J. (1993/1974). "Televisão". Op. cit., p. 52.